



1.^a Quinzena de Agosto

N.º 12

1.º ANNO—1909—Director, *Larcher Marçal*

Prop. Administrador, **HUMBERTO GONÇALVES**

Red. e Adm. R. D. ANTONIO BARROSO, 22

Assinaturas—Barcellos 2 mezes 200 rs.—Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.—Composto e impresso—Typ. "Centro de Novidades,"—Barcellos

“Por Barcellos!,,

C.M.B.
Biblioteca

A constituição da Liga defensora e promotora dos interesses e melhoramentos locais, é indispensavel, como muito bem foi considerado pelas pessoas a quem tivemos a honra de fallar em tal assumpto.

E, posta de parte a ideia — que para nós foi um sonho — de que ella fosse constituida pelos chefes de partido, a necessidade de ella se formar está de pé, e não seremos nós, os que n'um momento de calor patriótico lançamos a ideia, que retrocederemos, negando o nosso apoio a quem a constitua.

Os chefes politicos, por motivos que nos exposeram, não julgam viavel ou aceitavel a ideia de que a Liga seja por elles constituida; mas apoiam-n'a, pessoal e politicamente, como nol-o disseram, se ella fôr constituida por outras pessoas.

Não era porém este o nosso desejo. O que pretendiamos — e isso era uma necessidade, mas ao mesmo tempo um problema difficil de resolver — era a união dos chefes de partido, porque d'essa união resultariam innumeros beneficios para esta terra e viria a paz politica não só acalmar o espirito popular como tambem fazer desaparecer essa barreira que mantem separados tantos elementos de valor que, postos ao serviço dos interesses e melhoramentos locais, muito uteis podiam ser á nossa Barcellos.

Posta de parte esta nossa primitiva ideia, que bem tradazia o pensamento de provocar a união ou pelo menos um accordo patriótico entre os chefes politicos, temos que enveredar por outro caminho, ou seja ficarmos onde estavamos antes de ouvir os chefes politicos e directores da imprensa politica da localidade: — *trabalhando dedicadamente, em prol do levantamento moral e material de Barcellos e como sentinella vigilante para a defeza dos interesses da nossa terra.*

Não cançaremos de trabalhar por Barcellos nem desanimamos ante a primeira illusão desfeita. Somos teimosos, porque o patriotismo exige teimosia e persistencia. Quem não persistir aniquila-se. E nós que somos barcellenses, que temos pela nossa terra a mais quente e entusiastica dedicacão, nunca negaremos o nosso maior esforço, para alguma cousa se conseguir ou fazer, e dizemos mais uma vez:

O caminho é para a frente! — E quem de-sejar trabalhar pelo levantamento moral e material de Barcellos, que nos siga ou vá na frente, que nós o seguiremos, empregando sempre os mais sinceros e dedicados esforços para alcançar a victoria. Porque a nossa boa vontade não basta só: — são precisas muitas boas vontades unidas, muitos esforços congraçados, muitas firmezas juntas, para se vencer.

E se sósinhos continuarmos n'esta campanha — n'esta lucta em defeza dos inte-

resses de Barcellos, porque pômos de parte a ideia da Liga por entendermos que ella deveria ser formada ou constituída pelos chefes políticos, o que elles não fazem — n'este caso repetiremos ao povo barcelense o que lhe dissemos em o artigo passado : — *ergue-te e caminha*.

Nós não queremos glorificar a nossa ideia, nem, sequer, pretendemos um agradecimento da parte de quem quer que seja.

A nossa humildade é que nos faz pensar a sério e friamente nas cousas de Barcellos e que faz, muitas vezes, com que nos revoltemos, sinceramente, contra a forma como muita gente olha isto a que chamamos — *nossa terra*.

Que seja preciso vencer os indifferentes ou descrentes, vá ; mas que seja preciso vencer tudo, até a indiferença popular,

que seja preciso despertar os barcelenses d'esse pesado somno e d'essa injustificavel lethargia que desde annos os mantem extranhos a tudo, isso é peor e não o conseguiremos nós, nós os humildes, nós os que nada valemos nem podemos, nós os que só temos a boa vontade de ser uteis a Barcellos, mas que nada podemos fazer porque nos falta a auctoridade pessoal ou politica, para pedir, para exigir melhoramentos.

E pomos ponto final n'este assumpto de Liga declarando o nosso sentir :

Só com a união dos chefes de partido, auxiliados pela massa popular, se poderá inaugurar uma epoca de prosperidade para Barcellos !

Procurar essa união é um dever que se impõe a todos os barcelenses.

Cartas do Monte

Meus caros amigos :

Conforme a minha promessa, ahí vae esta pobre carta dizer-lhes as impressões colhidas da minha vida na solitaria e benéfica pacatez da aldeia.

Escrevo-lhes ao fim da tarde, sentado na guarda da vasta eira de pedra, sobre o fundo de uma antiga e polida raza que o filho mais novo do tio Manoel do Moinho, engatinhando, arrastou até junto de mim.

Junto à *mada* de nova palha ceiteia, dorme tranquillamente e muito enroscado o *Rabicho*, cansado de ter andado a noite passada a ladrar por sobre os muros a quem passava para o serão de *Reberido* e talvez por ter acompanhado o Manoel e a Thereza, sua mulher, á bouça das *Trez cellas* onde foram buscar um carro de matto, que tiveram de carregar muito á pressa para estarem em casa a horas do almoço.

Os encantos que por aquí encontro não posso descrevel-os, pois não acho palavras que bem exprimam o meu sentir.

Accordo com o cantar da passarada na copada japoneira em frente á janella do meu quarto e com a voz timbrada do Joaquim, rapaz dos seus 13 annos, que pelo caminho, todas as manhãs, conduzindo o gado para o pasto, passa cantando

O' Maria se tu queres
Ser a minha namorada

.....
.....

A' noite vou para a cesinha conversar com o Manoel, enquanto a Thereza faz o caldo para a

sua ceia, indo de quando em quando espreitar o filho que está dormindo no berço novo, de pinho, obra *apilrada* do Zê da Rita que *anda a aprender a carpinteiro*.

Podem os meus amigos não achar graça a isto e preferirem talvez as grandes praias, o ar viciado dos cafês onde se exhibem os requintes do luxo e da parvoíce, mas, o que lhes digo, é que para mim nada ha que mais me commova e que eu mais ame.

Na simplicidade, na vida contemplativa da aldeia, encontro um bem estar e um desafogo de espirito intraduzíveis ! Dá-me vontade de abraçar e de beijar tudo isto !

Vou terminar porque já pouco vejo e a noite vem desdobrando lenta e suavemente o seu manto ; mas antes d'isso deixem-me dizer-lhes o que estou vendo n'este momento :

Tenho na minha frente uma tila de velhas e musgosas oliveiras e por entre a sua rama divisivo a lua muito pallida, subindo no espaço azul.

Sibem no que penso, ao ver allí o *Rabicho* a dormir, as oliveiras e a lua subindo ? Nos versos sublimes do nosso eminente Guerra :

.....
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impavido lebréu.
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma d'um justo, ia em triumpho ao céo!...

.....
Um abraço do amigo

ANTONIO.

Cleopátra

No seu palacio d'oiro e marmor'da Laconia
A egypcia Cleopátra, a régia flor do Oriente,
Antonio espera, que virá, lubricamente,
Beijar-lhe a bocca, flor mordente d'escaloneal

Brilha a Lua no céu desmaiada d'insomnia,
É no palacio real, Cleopátra, fremente,
O raro thoro busca em marmores assente,
É onde realça a côr da purpura sidonia!

Cleopátra adormece. Ancillas em chorêa
Dançam emquanto a linda e lubrica sereia,
Julga em sonho apertar ao seio Marco Antonio!

É sobre a sua bocca entreabrindo em flor,
Que ao romano vencera em prelio audaz d'amor,
Pousa um beijo de leve o timido favonio! . . .

Raul Martins.

HISTORIA

O POYO

Este antigo bairro barcellense, chamado hoje *largo do Apoio*, teve primitivamente o nome de *Poyo* ou *Poio*.

É pelo menos com esta designação que o vemos mencionado em muitos documentos antigos, todos posteriores ao seculo XV; e, como temos occasião de mostrar, esse devia ser, com effeito, o seu verdadeiro nome, porque o que actualmente tem — *Apoio* — é corruptella d'aquelle.

Por mais destoante e exquisito que o nome pareça, ninguem se arreceie de empregal-o: é castiçamente portuguez, e depara-se-nos, frequentemente, na toponymia de muitas das nossas povoações. Até Lisboa, e mais é a nossa linda capital, assim denominava, no seculo XV, e não sabemos se actualmente, uma das suas ruas ou largos. « A judiaria (de Lisboa) foi roubada desde a porta que dava para o poço da Fotea até ao *Poyo*. . . » (*os Judeus em Portugal*, pelo Dr. Mendes dos Remedios, pag. 231).

Até 1631, o *Poyo* era uma pequena rua, entre as da *Misericórdia* e da *Esperança*, e quasi no seu

prolongamento; n'esse anno, porém, a camara municipal, fazendo a expropriação de uns parcedeiros que ficavam a nascente (*casas que ao Poyo estão cabidas e derrubadas* — diz a acta da sessão de 8 de julho de 1631), conseguiu transformar a rua em um pequeno largo, no centro do qual mandou levantar o chafariz que ainda hoje ahi se vê.

Pequeno e modesto como é, este largo teve, comtudo, a sua epocha de esplendor. Talvez que muitos barcellenses, ao passarem hoje no *Poyo*, nem suspeitem sequer que, em tempos já bem distantes, foi um dos bairros mais populares e importantes de Barcellos!

Pois foi, não ha duvida.

Situado no ponto mais central da antiga villa, era ahi que diariamente se fazia o mercado de hortaliça, fructas e peixe, mercado que, por ser já pequeno para a população que o frequentava, a camara transferiu para fóra da Porta do Valle, em 12 de agosto de 1830.

Ahi ficava, tambem, a cadeia d'este grande concelho e comarca, hoje transformada em habitação particular, mas conservando ainda, nas linhas principaes, o seu aspecto medieval.

E, finalmente, era no *Poyo* que desembocavam algumas das mais concorridas ruas do velho Barcellos, como as da *Esperança*, da *Capataria* e da *Traçaria*, ou *Triparia*, como tambem temos lido

em alguns documentos; as ruas dos *Açougues* e *Mercadores* — que foram os dois principaes centros commerciaes da povoação, e a de *S.^{ta} Maria*, depois chamada da *Misericórdia*, tambem muito importante, não só por ahi ficar o antigo hospital de Barcellos, que el-rei D. Manoel reformou e ampliou, quando, em 1518, entregou a sua administração á Irmandade da Misericórdia, n'esse anno aqui instituida, mas até por estabelecer comunicação directa entre a praça do Poyo e a da *Picóta* ou do *Pelourinho* (hoje praça Municipal), onde se fazia o mercado de pão e cereaes.

Devido a este conjuncto de circumstancias, o largo de que nos occupamos foi, como dissemos, muito populoso e notavel.

Mas d'esse bulício e d'essa grandeza de outros tempos, o que resta hoje?

Apenas um modesto e pacifico largo, que, pela feição accentuadamente vetusta de alguns edificios que o circumdam, é indubitavelmente um dos trechos barcellenses mais característicos.

E que de assumptos tentadores e suggestivos nos offerece para longas e profundas lucubrações!

N'uma casa de mesquinha apparencia, mas brazonada, no começo da rua dos *Açougues*, as tradições e o nome illustre do santo condestavel Nun'alvares — o mais authenticos heroe das nossas glorias militares, a cuja espada vencedora deu Portugal a sua independencia, e o fundador de uma opulenta e poderosissima familia, que, pelas alianças em que se diffundi, se aparentou com as primeiras estirpes soberanas da Europa.

Defronte d'esta, mas na proxima rua do *Visconde de Leiria* (antiga rua da *Çapataria*) outra casa, tambem brazonada, que pertenceu a uma das familias mais antigas de Barcellos — os Goes Regos, de que procedem homens illustres, como o denodado e valoroso *Alferes barcellense*, Gaspar de Goes do Rego, commendador de *S.^{ta} Olaya* e alferes de bandeira do Duque de Bragança em Alcazer-Quibir, onde gloriosamente perdeu a vida.

A casa dos Costas Chaves, senhores do morgado de *S. Francisco*, familia igualmente illustre e de que procedem, entre outros, Fernão da Costa Chaves, o fundador da formosa capella de *S. Francisco*, na antiga rua dos *Mercadores*, e secretario do Duque de Bragança D. Fernando, o desventurado decapitado de Evora; Gil da Costa Chaves, capellão de el-rei e 3.^o D. Prior da nossa extincta collegiada, e Francisco Pinheiro de Carvalho, licenciado em Canones pela Universidade de Salamanca e amigo dedicado de el-rei D. João IV, como vemos de algumas cartas de Villa-Viçosa, Montemor e Almada o mesmo rei lhe escreveu em 1639 e cujos authographos possuímos.

Quasi no extremo norte da rua da *Misericórdia*, a casa dos Cicios Cogominhos, outra familia barcellense muito distincta, a que pertenceram o bispo de Martyni, D. Francisco de *S.^{ta} Maria*, e seu irmão Christovam Cogominho de Faria, conego arcepyreste da Sé de Braga e guarda-mór da Torre do Tombo, dois barcellenses illustres que se perderam por entrarem na conjuração tramada e dirigida pelo tristemente celebre arcebispo de Bra-

ga, D. Sebastião de Mattes de Noronha, seu parente, contra a vida de el-rei D. João IV.

E, finalmente, a casa dos Brandões Gayos, na rua dos *Açougues*, a cuja familia pertencia e representava o nosso mallogrado amigo, distincto e brioso official da nossa marinha de guerra, João de Faria Machado Pinto Roby, morto na primeira campanha contra os cuamatás.

—Tanta coisa n'um largo tão pequeno como é o Poyo? — perguntará o leitor maravilhado de tantas glorias passadas.

—Certamente; e ainda não dissemos tudo. Para os que se impoem a improba mas compensadora tarefa de perscrutar as gloriosas tradições d'esta por tantos titulos notavel villa, o largo do Poyo é um pequeno Josaphat todo povoado de phantasmas historicos.

(Continua)

W.



Interesses locais

Caminho de ferro

«Está concluido o accordo da Companhia aos Caminhos de Ferro do Alto Minho com a Companhia dos Caminhos de Ferro da Povoia a Guimarães, sendo uma das clausulas d'esse contracto a construção do ramal da Povoia a Fão»

(Do «Povo Espozendense»)

Desde que se fallou no assentamento de uma via ferrea que ligasse os concelhos de Villa do Conde, Povoia, Espozende e Barcellos, a nossa publicação tratou immediatamente do assumpto, advogando-o e mostrando as suas vantagens para esta villa, pedindo até que se não deixasse de trabalhar para conseguir este tão grande melhoramento.

Ninguém, porém, se moveu! Até a imprensa local se manteve silenciosa, limitando-se apenas a responder a uma circular do sr. Candido Landolt, da Povoia de Varzim.

Mas já não ha que estranhar. Isto tem sido assim e assim continuará.

Agora, pela noticia que acima transcrevemos do «Povo Espozendense» e que parece indicar que o projectado caminho de ferro virá apenas até Fão, continuam a desprezar-se os interesses de Barcellos, não havendo quem procure, por qualquer meio, conseguir que a mesma via se prolongue até esta terra.

Das vantagens de que Barcellos gosaria se isto se conseguisse, já nós dissemos em o n.º 4 do *Barcellos-Revista* e nada mais precisamos acrescentar.

E nós, que temos ahí a Câmara, a representante da enorme população concelhia e, portanto, a delegada do povo para se interessar pelo que a elle interesse, — que temos a Associação Commercial, collectividade que em outras terras se colloca sempre á frente dos movimentos patrióticos e de reconhecida vantagem para a prosperidade e riqueza local, — que temos a imprensa, para proclamar e levar alto as reclamações ou petições justas d'um povo e para ser o echo fiel do sentimento da massa popular — que fazemos ou que fazem todas estas corporações tão respeitaveis e poderosas, essas forças potenciasas do meio barcellense?!

Silencio ! Silencio !

Pois deixemos passar tudo em silencio, sem um movimento capaz de levantar alto o nome de Barcellos e tambem capaz de engrandecer progressivamente esta terra e veremos os resultados finais d'esse silencio, d'esse desprezo votado ao engrandecimento material de Barcellos.



De relancee

As festas das Cruzes são as unicas que a Barcellos dão lucro e as unicas, tambem, que esta terra deve sustentar, sempre caprichosas, variadas e brilhantes.

Não seja só a devoção que impulsione o barcellense a contribuir monetaria e materialmente para se realisarem estas festas: — seja o patriotismo que o impulsione a manter e fazer brilhar essas festas — a mantel-as e fazel-as brilhar de modo que ellas se tornem consideradas as festas patrioticas da nossa terra. em que ao forasteiro se mostre a grandeza das nossas ini-



BARCELLOS — Um trecho do largo do Apoio

(Vid. secção d'Historia)

ciaticas e a riqueza natural da nossa terra.

E tem sido já esta a ideia que la orientado os membros das commissões de ha 3 annos a esta parte. Mas... essas commissões tem tido enormes contrariedades a vencer, dizem-nó todos: a monetaria, que é sem duvida a principal, e a de trabalho, que é enorme.

A duas cousas importantes tem attendido essas commissões: á propaganda das festas e á propaganda da nossa terra, procurando sempre trazer aqui enorme massa de forasteiros.

Mas depois de muito trabalho, de enormes canceiras e cuidados, essas commissões tem que attender a que a receita é diminutissima e a que a despeza, para umas festas que resultem brilhantes, é enorme, em face das receitas.

E, depois de todos esses trabalhos e can-

ceiras, depois das festas... o deficit não raras vezes vem desgostar os promotores das mesmas. E' um desanimo que faz retirar muitas pessoas de se metterem em festas e, n'este caminhar, d'aqui por pouco tempo não teremos ali quem se preste a fazer parte da respectiva commissão promotora.

Um meio a meu ver haveria para acabar com essas difficuldades. Vou expol-o :

A Associação Commercial, ou o Sport Club, constituiria, em principios de junho, uma commissão para fazer as festas de Cruzes ro anno seguinte. Essa primeira commissão, nomeada em junho, dirigir-se-hia a todas as pessoas que tem monetariamente contribuido para as festas e, a cada uma d'ellas, pediria uma subscrição mensal com destino á realisacão d'essas festas. Quem costuma contribuir com 1000 reis, contribuiria com 100 reis mensues; quem costuma contribuir com 2000 reis, daria 200 reis mensues; e quem tem dado 5000 reis, daria 50 reis. Assim, teriamos um augmento de receita, sem pesar ao contribuinte.

Dois, tres, quatro ou mais cobradores, os que se julgassem necessarios, procederiam, por ordem do thesoureiro da commis-

são, á cobrança mensal d'aquellas quotas; e, quando chegassemos a maio, haveria o dinheiro para as festas e, o que é mais, muito antes das festas a commissão sabia os recursos com que podia contar.

E d'este modo, evitar-se-hia essa grande difficuldade em constituir a commissão das festas, porque o que mais custa a todos os seus membros, é o durante os tres mezes antes das festas e um mez depois, terem de andar, todos os dias, de rua em rua e de casa em casa, a pedir e a receber os donativos para as festas.

Procedendo-se assim, como digo, entendo que a difficuldade que ha em constituir a commissão, desappareceria; e desappareceria tambem, essa tambem grande indecisão dos commissariados, de terem de attender a que, no fim das festas e depois de muito trabalho, serem obrigados a cobrir um «deficit» do montante d'aquelle do d'este anno!

Pense-se n'isto, que é a minha ideia; estude-se o assumpto, porque estamos em risco de, em um dia, terminarem as festas das Cruzes, que não devem acabar, porque são illas as festas de Barcellos, as unicas com que esta terra lucra.

J. S.

Atravez do binoculo

Do alto da Franqueira:

Já tenho mais uma lente no *oculo*. (Da outra vez disse *binoculo* e não o é: é *oculo*.)

Mas como o titulo sahiu como paz, atravez do *binoculo*, pôde continuar, por que já tenho dois *oculos*: um para vêr as cousas e outro para as ouvir. E como tenho dois *oculos* que vêm a ser um *binoculo*, não acham que o titulo primeiro pôde continuar?)

Na festa d'hoje, 15 do mez que corre, esteve aqui muito pouca gente d'essa villa. Mas não me admira: além de haver muitas festas, havia ali tourada e as touradas estão, ao que parece, a despetar o appetite dos barcellenses.

E que tal foi ella? Que me dizem? Esteve boa? — O meu *oculo* de *ver*, que é o novo, não pôde mostrar por causa do elevado tapamento que cerca a praça e ainda por causa das casas que cercam o tapamento.

Mas disse-me alguém que foi uma tourada de riso... Que os *garraios* eram puros... na pra-

ça: e que os toureiros eram optimos na sorte de farpear a terra!...

Querem saber uma cousa?

Um lavrador, que leu na Revista essas cousas «por Barcellos!», as entrevistas com os chefes politicos, disse-me que isso são tudo *trélas* para *engarrampar*... Que vocês não arranjam nada com elles, porque elles sabem todos ler pela mesma *cartilla*.

E parece que o lavrador tem razão. Vocês são ainda de bom tempo! Convençam-se, se ainda o não estão, de que os politicos... são *politices*! Basta-lhes o nome: *politicos*!...

E este lavrador que me fallou, já tem os *olhos* bem abertos. Já lá não vae assim á boa. Elle já soube dizer que a politica é uma escada com muitos degraus, por onde o povo, o *Ze dos rolos*, vé subir, subir, os politicos grandes e fica cá debaixo a espreital-os, até ás eleições proximas, que é quando o que subiu torna a descer para lhe apertar a mão e levar-o á urna! Isto disse-m'o o lavrador e tem razão.

Ah! um tiro! Parece que já se caça!? Mas... não pôde ser! O defeso para os coelhos não acabou ainda. E se fôr á caça, é decerto ás rolas.

CÔRO DAS HORAS

(Fragmento)

*Na agonia escarlate e roxa do poente
Appollo mergulhou a quadriga doirada,
E da Noite no crepe a Terra desolada
Chóra o seu abandono angustiadamente.*

*Mas já declina a treva e Diana fatigada
Não tarda a succumbir aos clarões do nascente,
E Appollo deixará, sorrindo alegremente,
Depois d'um grande beijo o leito da Alvorada.*

*E um dia e outro assim! Não ha tempo a perdèr!
Uni, ebríos d'amôr, os labios triumphantes,
Que o Tempo está de ha muito amuado co'o Prazer.*

*Não percas sonhadôr os minimos instantes,
Que n'esta amarga Vida andam as tristes Horas
Ligeiras quando ris, mas de vagar se choras.*

(Do *Sob os Choupos*)

JOÃO DE LEBRE E LIMA.

Deixem-me pegar no *oculo d'ouvir* :

—«Caím . . . caím . . . caím . . .»

Que é isto? um cão! — Um galgo . . . e como elle corre pelo monte acima! E' á caça aos coelhos, não ha duvida!

Ah! que se o *oculo* servisse para testemunha, commigo, eram duas . . .

*

De noite, ahí, é uma pouca vergonha! Não se ouve senão cantar e às vezes uns palavaões . . . que até fazem corar as mundanas . . .

Mas não admira: o *verdasco* está barato e . . . quem o beba não falta!

*

Olho em redor e que panorama encantador se destaca ante os meus olhares fixos n'essas elevadas montanhas que se avistam. D'um lado, (e pelo *oculo*, que bem se vê!) o Bom Jesus do Monte, em Braga: do outro, a Santa Luzia, em Vianna: ali, Espozende, Fão, o Cavado a entrar no mar e mais ali, a bella, a sozeggada, a encantadora praia d'Apulia, a praia que está sendo preferida pela maior parte das familias barcellenses e já por uma parte rasoavel de familias d'outras terras!

Que magnifico sitio este, onde mesmo a sós a gente se entietem confundido ante tantas bellezas, ante suas bellezas inegalaveis que a natureza espalha, em matizados vivos e d'um luxo incom-

paravel, como nenhum pintor sabe transportar á têla!

Que encantador é este sitio, tão despresado pela gente de Barcellos! E' soberbo, tudo isto. Venham um dia aqui, meus amigos, demorem-se um pouco a apreciar os encantos de tudo isto, e vão para a *Revista* dizer as suas impressões e promover um movimento de affincada propaganda instigadora dos melhoramentos d'este Monte. Venham, que lhes prepararei uma merenda!

*

Ui! — que grande sapo! Vou-me desviar para outro sitio e em logar de mirar para a Figueiró, que tem tambem um panorama bonito, vou mirar para a Apulia, a Apulia dos meus encantos e por onde tanto tempo passei dias felizes, em socego — porque ali é a praia do socego.

Dá-me até vontade de lá ir!

Que de gente está na praia, agora, pelas 5 da tarde!

Lá vem o sr. Conego Sousa, no meio de dois, que parecem . . . duas pessoas d'ahi.

—«Que amabilidades! Nós não podemos nunca esquecel-as!»

*

E fico hoje por aqui. Para a outra quinzena, mais dirá o vosso

Viajante amigo.

A gymnastica

A educação phisica da creança, deve preoccupar todos os espiritos.

A gymnastica bem orientada produz na creança verdadeiros milagres, tira-lhe más conformações adquiridas, modifica os congenites, robustece o organismo; dá-lhe energia, vivacidade, independência de movimentos e acções,

Em nossos dias a actividade é tão febricitante, o trabalho cerebral tão intenso e as occupações sedentarias tão numerosas, que se impõe, como unico meio de restabelecer no homem, o equilibrio das funções physiologicas.

Alguns legisladores francezes, têm incluido nos programmas de ensino a forte gymnastica, no mesmo plano da educação intellectual e moral

Ha dois methodos que se propõem satisfazer, á necessidade d'uma forte educação phisica.

Um chamado o methodo classico, que recomenda a gymnastica propriamente dita; consiste em movimentos regulados, e exercicios com aparelhos.

Outro mais antigo, que recebe os beneficios dos jogos livres, exercicios de força, velocidade, etc.

Estes dois methodos tem cada um suas vantagens; mas cada um d'elles applicado isoladamente e sufficiente para atingir um desenvolvimento harmonico, de todas as energias phisicas e moraes do homem.

A gymnastica tal como é ensinada em algumas escolas, normaes e primarias, cheias de exercicios difficeis, fazem d'uma distracção um enjão, e de um esforço que deveria ser util, uma fadiga esteril.

Por outra parte seria um erro julgar, que os jogos livres possam substituir completamente, uma lição de gymnastica bem conduzida.

São insufficientes, porque no jogo certos actos musculares, são repetidos um grande numero de vezes; ao passo que outros não menos importantes, são incompletos.

Nos jogos livres cada individuo, cultiva espontaneamente, as suas faculdades naturaes.

Quasi outro tanto podemos objectar, ao exercicio provocado pelo trabalho; em que ha a especialisação de certos movimentos, que muitas vezes repetidos, podem causar qualquer deformação.

* * *

Admiramos por occasião da festa da arvore, o grupo gymnastico escolar, que evolucionou na praça de touros, debaixo da direcção do competentissimo professor Tenente Bacellar, e sentimos que esses exercicios se não tenham repetido; porque nem d'outra maneira, se podem colher os fructos desejados.

L. M.

X

E' fidalgo: tem linhagem
E tambem serapilheira;
Mas peza pouco a bagagem
Da sua nobre algibeira!

Em varios jornaes de fóra,
De ideias mais avançadas,
Quando póde, collabora;
Escreve coisas damnadas!

Já teve sérias questões;
Dava *tareia* bravia!
E por isso ha *figurões*,
Que lhe têm antipathia.

Com outros fundou um *Esporte*
E jornaes quando creança;
Tempo em que elle dava sorte
Se lhe chamassem B.

E' sincero e bom amigo,
Embora o não creia alguém,
Tem á porta um Christo antigo
Pra ajudar a *morrer bem*.

E' loiro, alto, elegante,
Veste da moda ao rigor,
Sem pretensões a pedante,
Ainda sempre no primor.

DOIS AMIGOS.



Ephemérides

Um nosso amigo, que se tem dedicado muito ao conhecimento de cousas passadas, prometeu-nos iniciar no proximo n.º esta secção — *Ephemérides*.

Chamamos desde já a attenção dos amadores de coisas velhas para a curiosa secção referida que, no proximo n.º, iniciaremos.

O « Barcellos-Revista », encontra-se á venda no Centro de Novidades.